

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ROBERTA BARBOSA DA CONCEIÇÃO

**AS MULHERES CANTADAS POR JACKSON DO PANDEIRO: PRETAS,
MORENAS E ESCURINHAS**

GUARABIRA

2014

ROBERTA BARBOSA DA CONCEIÇÃO

**AS MULHERES CANTADAS POR JACKSON DO PANDEIRO: PRETAS,
MORENAS E ESCURINHAS**

Monografia apresentada para fins de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, sob a Orientação da Dr^a Ivonildes da Silva Fonseca.

GUARABIRA

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C744m Conceição, Roberta Barbosa da
As mulheres cantadas por Jackson do Pandeiro: [manuscrito]: Pretas, morenas e escurinhas / Roberta Barbosa da Conceição. – 2014.
55 p. : il. color

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
“Orientação: Ivonildes da Silva Fonseca, Departamento de Educação”.

1. Identidades de gênero. 2. Jackson do Pandeiro. 3. Categoria Mulher. I. Título.

21. ed. CDD 305.486

ROBERTA BARBOSA DA CONCEIÇÃO

**AS MULHERES CANTADAS POR JACKSON DO PANDEIRO: PRETAS,
MORENAS E ESCURINHAS**

Monografia apresentada para fins de
conclusão do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia pela
Universidade Estadual da Paraíba,
sob a Orientação da Dr^a Ivonildes da
Silva Fonseca.

BANCA EXAMINADORA

Ivonildes da Silva Fonseca

Prof^a. Dra. IVONILDES DA SILVA FONSECA (UEPB)
ORIENTADORA

Waldecir Ferreira Chagas

Prof. Dr. WALDECI FERREIRA CHAGAS (UEPB)

Aluska Peres Araújo

Prof^a Ms. ALUSKA PERES ARAÚJO (UEPB)

GUARABIRA, 01 DE DEZEMBRO DE 2014

Dedico este trabalho à minha Mãezinha querida, que amo tanto, sempre presente em todos os momentos de minha vida, uma guerreira que me merece tudo de mais maravilhoso.
Esse título é seu mamãe!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que é o grande responsável pela minha existência, em seguida à minha família que sempre me deu todo o apoio necessário e a todos(as) os(as) meus(minhas) professores (as) que contribuíram com a minha formação acadêmica, em especial à minha querida professora, orientadora e amiga, Ivonildes que sempre acreditou em mim, e grande parte do que sei devo a ela.

Agradeço também ao Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da UEPB pela bolsa concedida.

Sem esquecer as minhas colegas de turma, com as quais dividi minhas manhãs durante quatro anos, período de lutas, de alegrias e tristezas. De maneira especial, agradeço a Vânia e a Tamiris pela amizade construída e solidificada, indo além dos muros da universidade.

E hoje, podemos dizer que foi difícil, mas vencemos!

“Gênero é um convite para pensar criticamente como os significados dos corpos sexuais são produzidos em relação ao outro, como esses significados são criados e alterados” (Joan Scott)

RESUMO:

O presente trabalho disponibiliza informações acerca da pesquisa cujo tema foi recortado do projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Iniciação Científica, intitulado, "Flora, Sebastiana, a mulher do Aníbal e a mulher que virou homem: discutindo identidades de gênero no cancionário de Jackson do Pandeiro". No decorrer da pesquisa foram feitas leituras relacionadas ao termo gênero enquanto conceito socialmente construído, e, por conseguinte, nos aprofundamos à categoria mulher, que é o termo central das músicas analisadas. Posteriormente, além de atender o objetivo principal deste trabalho, promover uma análise sobre as representações das identidades de gênero a partir das letras de músicas compostas e interpretadas por Jackson do Pandeiro, tivemos que tomar posse da biografia do artista citado acima, além de leituras referentes à representação social, ideologia do branqueamento e sobre a técnica análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, que foi a técnica utilizada para explorarmos as 25 (vinte e cinco) músicas selecionadas. Feito isso, foi possível expor as identidades femininas presentes nas letras das músicas, e assim caracterizar os papéis socialmente construídos e figurados nas mesmas.

Palavras-chave: Identidades de gênero – Jackson do pandeiro – categoria mulher.

ABSTRACT:

This paper provides information about the research topic which was cut from a research project developed at the Scientific Initiation Program, titled, "Flora, Sebastiana, the wife of Anibal and the woman turned man" discussing gender identities in the Jackson songbook tambourine ". During the survey readings related to the term gender as a socially constructed concept, were made and therefore deeper into the category woman, who is the central term of the songs analyzed. Later, in addition to meeting the primary goal of this work, promote an analysis of the representations of gender identities from letters composed and sung by Jackson do Pandeiro, songs had to take possession of the artist's biography cited above, plus readings related social representation, and ideology of whitening on the content analysis technique, the Bardin perspective, which was the technique used to explore the 25 (twenty five) selected songs. That done, it was possible to expose the feminine identities present in the lyrics, and thus characterize the socially constructed roles and figured the same.

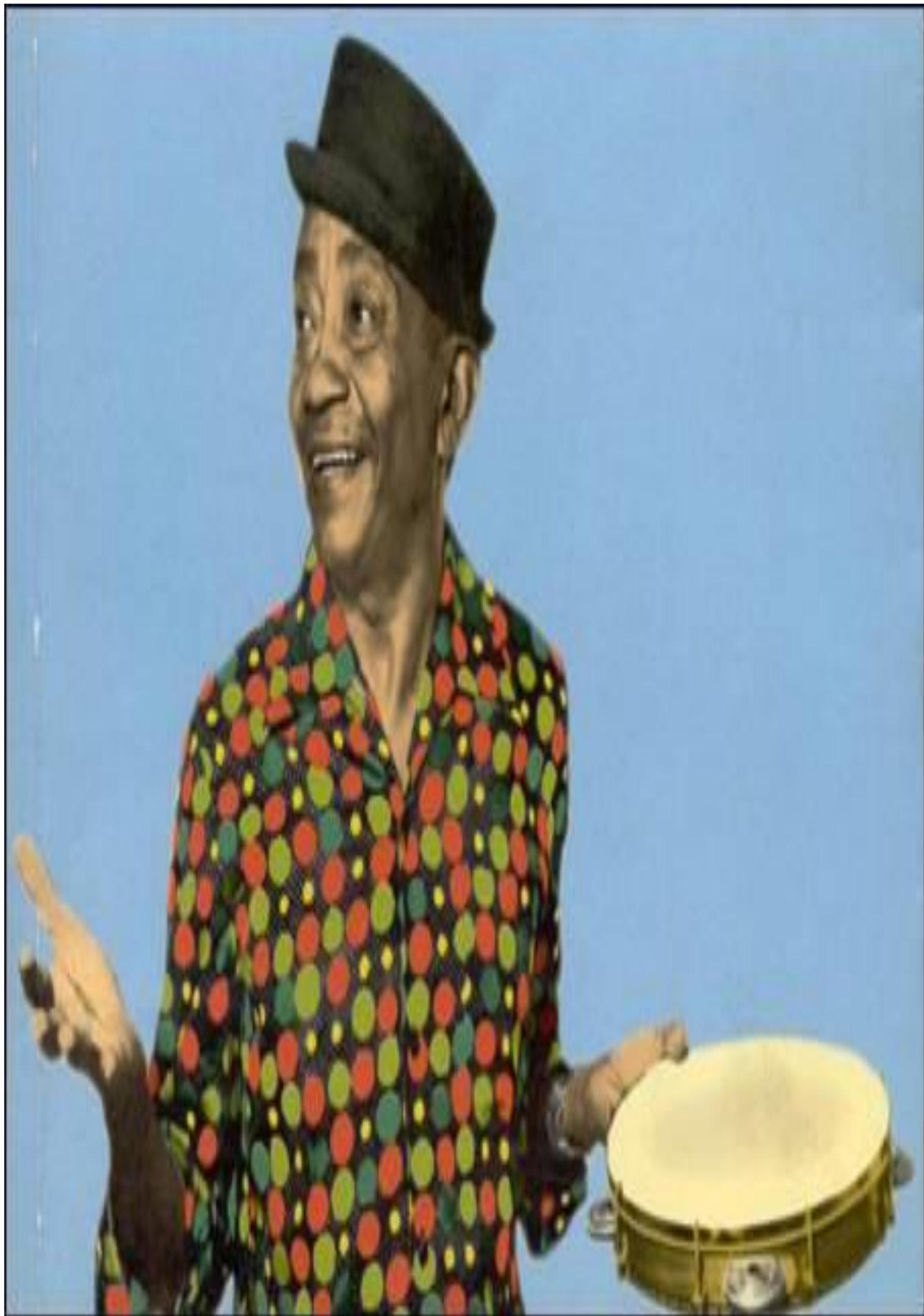
Keywords : Gender Identities - Jackson tambourine - class woman.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1: Apresentação dos ritmos, datas das composições, compositores e pontos basilares das 25 canções selecionadas para análise, no cancionário de Jackson do Pandeiro.....p.23
- Quadro 2: Grupo: Identidade Regional.....p. 26
- Quadro 3: Grupo: Mulheres Artistas.....p. 32
- Quadro 4:Grupo: Estética da Mulher negra.....p. 34
- Quadro 5: Grupo: Mulheres Valentes.....p. 41
- Quadro 6: Grupo: Mulher Sublimada.....p. 43
- Quadro 7: Grupo: Mulher e Pobreza.....p. 45
- Quadro 8: Grupo: Mulheres Autônomas.....p. 46
- Quadro 9: Grupo: Relação Homem/Mulher.....p. 48
- Quadro 10: Características biológicas e sociais.....p. 49

SUMÁRIO

Inicialmente.....	p. 12
Capítulo I – Um pouco de Feminismo.....	p. 13
1.1-História do Feminismo.....	p.14
1.2-Categoria Mulher	p.15
Capítulo II – Como a pesquisa foi realizada?	p.17
Capítulo III – Jackson do Pandeiro e suas Musas.....	p.21
Capítulo IV - Analisando.....	p.26
Finalizando.....	p.51
Referências.....	p.52



INICIALMENTE

O trabalho ora informado é resultado do Projeto de pesquisa “Flora, Sebastiana, a mulher do Aníbal e a mulher que virou homem: discutindo identidades de gênero no cancionário de Jackson do Pandeiro”, desenvolvido no Programa de Iniciação Científica, concluído em 2013, no qual fui Bolsista.

Temos como proposta inicial historicizar o termo gênero, assim como suas múltiplas transformações ocorridas ao longo da história, porém centraremos nossas atenções na categoria mulher, por este ser o tema chave das músicas selecionadas para análise. Para tanto, utilizamos como base teórica os seguintes autores (as): Alexandre (2004); Anísio (2011); Ayala (1999); Bardin (2011); Beauvoir (1970); D’adesky (1997); Hall (2006); Hofbauer (2006); Louro (2000); Moura; Vicente (2001); Perrot (1998); Piscitelli (2002); Scott (1989).

Quanto à metodologia empregada para analisar as referidas letras de músicas, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, servindo de norte para analisarmos as 25 (vinte e cinco) letras selecionadas. Dessa forma poderemos expor as identidades sociais presentes nas letras das músicas compostas/interpretadas pelo artista paraibano, Jackson do Pandeiro, que deixou sua marca registrada na história da música popular brasileira (MPB), sendo considerado o Rei do Ritmo, por sua imensa aptidão rítmica de compor e cantar suas diversas e distintas canções.

No desenrolar tivemos a oportunidade de entender como se deu a intrigante e desafiadora, subordinação das mulheres em uma sociedade patriarcal, onde reina a supremacia masculina, e pelo fato do nosso objeto de pesquisa ser as letras das músicas de Jackson, foi possível um aprofundamento maior com diferentes realidades femininas. Identificamos também uma valorização tanto étnica, quanto de gênero nas letras das músicas, corroborando com a quebra de preconceitos e estereótipos negativos em relação à mulher negra.

CAPÍTULO I

UM POUCO DE FEMINISMO

Falar de gênero nos remete a identificar seus distintos e variados significados e para isso dividimo-lo em três categorias. A primeira delas consiste na Biologia, na qual o gênero é tido como a reunião de espécies; a segunda está em concordância com a gramática, em que gênero é a categoria que classifica os nomes em masculino, feminino e neutro; e segundo a Antropologia é a forma como se manifesta social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos.

Dentre as categorias citadas acima, tomaremos como base o significado do termo gênero segundo a Antropologia, que em outras palavras afirma o seu conceito como socialmente construído e transformado cotidianamente, aqui recorreremos à Guacira Lopes Louro,

É então, no, âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. (2000. p.5)

Dessa forma, compreendemos que as identidades sociais são construídas e modificadas através do tempo e do lugar onde os sujeitos sociais se inserem e conseqüentemente absorvem os costumes, o modo de ser de cada povo, ou seja, sua cultura. Portanto somos seres de identidades transitórias, instáveis e mutáveis. Outros estudiosos (as) comungam dessa mesma ideologia, como por exemplo, Joan Scott, quando diz que “o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e mulheres” (1989, p.3). Confirma então, que os papéis sociais interpretados por homens e mulheres são criações socioculturais. Portanto, após contextualizarmos o termo gênero, passamos agora para o estudo do Feminismo no mundo, de modo geral e no Brasil de forma particular.

1.1. HISTÓRIA DO FEMINISMO

(...) obrigadas a suportar dupla jornada de trabalho, a doméstica e a profissional, arcando ainda com o cuidado e a educação das crianças. Na América Latina, entre a população pobre, 30% dos chefes de família são mulheres. Estupradas em sua dignidade, elas são despidas em outdoors e capas de revistas, reduzidas a iscas de consumo na propaganda televisiva, ridicularizadas em programas humorísticos, condenadas à anorexia e à beleza compulsória pela ditadura da moda. (FREI BETTO, 2001, p. 1-2)

A partir da citação fica evidente que as mulheres vivendo em uma sociedade que violenta as mulheres nas diversas modalidades, levou-as a se organizarem e constituírem o movimento feminista organizado que originou-se nos Estados Unidos, no final da década de 1960, propondo a ideia de Libertação das mulheres, afirmando-as como indivíduos autônomos, independentes e capazes de realizar qualquer atividade masculina.

Um dos nomes mais conhecidos na história do Feminismo é o de Simone de Beauvoir, que se aprofundou na gênese da opressão feminina, fazendo uma análise histórica das condições sociais que tornam as mulheres alienadas e submissas aos homens, fazendo a constatação: “o que a humanidade fez da fêmea humana” (1970, p. 57). Fazendo uma relação com a epígrafe acima, percebemos os diversos estereótipos que recaem sobre as mulheres, nos mais diferentes espaços sociais, sendo que Beauvoir detectou tal ação bem antes que Frei Beto, e este vem reafirmar, com dados mais recentes as situações que as mulheres têm que enfrentar cotidianamente e que tais submissões são resultantes de construções socioculturais.

Seguindo este mesmo raciocínio, entendemos que a raiz da subordinação das mulheres deu-se desde os primórdios da sociedade arcaicas, nas quais o domínio era exercido por homens, como por exemplo, no Egito, o Faraó que ocupava o topo da hierarquia social, poderia ter várias mulheres, porém apenas a primeira tinha o direito de usar o título de rainha; na Mesopotâmia o rei impunha-se sobre os demais, principalmente sobre as mulheres; na sociedade hebraica os hebreus eram guiados por um patriarca, e daí por diante.

Já no Brasil, o primeiro grupo organizado é datado do ano de 1972, na cidade de São Paulo, com as seguintes representantes: Célia Sampaio, Walnice Nogueira Galvão, Betty Mindlin, Maria Malta Campos, Maria Odila Silva Dias e, mais tarde, Marta Suplicy. Desencadeando vários debates, o Movimento Feminista Brasileiro, conseguiu alastrar-se nos diversos espaços sociais, sobretudo na imprensa. Temos como exemplo, o encontro na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro, que originou o Centro da Mulher Brasileira (1975). Neste mesmo ano, em São Paulo, realizou-se o Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista; depois o Movimento Feminino pela Anistia, liderado por Terezinha Zerbine; houve também o lançamento do jornal Brasil Mulher, que circulou de 1975 a março de 1980. A imprensa feminista popularizou-se ainda mais, surgindo o jornal Nós Mulheres que circulou entre 1976 e 1978, o jornal Mulherio, lançado em março de 1981, tornando-se leitura obrigatória das feministas por mais de cinco anos.

De acordo com Frei Betto (2001), por volta de 1970 e 1980 o movimento feminista teve apoio da Igreja Católica, com a criação de Clubes de Mães e Associações das Donas-de-Casa, além de outros movimentos, como a Rede Mulher, em defesa dos direitos da mulher e da ampliação da cidadania feminina. E aos poucos, foram se formando agendas específicas, como negras, prostitutas, lésbicas, trabalhadoras rurais e urbanas, empresárias etc.

Entre tantos debates, destacamos o de Fortaleza, no ano de 1979, I Encontro Nacional Feminista. No Rio de Janeiro, o 8 de março foi comemorado por encontros estaduais, de 1977 a meados da década de 1980. Após tantas lutas esboçadas ao longo da história, percebemos que houve várias conquistas, porém ainda há muito para se conquistar.

1.2. CATEGORIA MULHER

A mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas. Mãe e dona de casa, esta é a sua vocação, e nesse caso ela é benéfica para a sociedade inteira. (...) As mulheres livres de hoje podem defender-se melhor porque trabalham e ganham sua vida. O trabalho das mulheres não é uma fantasia, mas sim a possibilidade de sua autonomia. (PERROT, 1998, p.9-142)

Na epígrafe que abre este texto, vê-se na fala da autora que há uma comparação de tempos, entre o antes e o agora, em que a mulher conquistou sua liberdade através do trabalho **remunerado**. O termo remunerado foi realçado para que não haja desentendimentos acerca das atividades que as mulheres desenvolviam fora de casa, pois era um trabalho sério e urgente, até por que:

Em tempos de guerra, os homens estão à frente de batalhas, as mulheres na retaguarda. Fazem tarefas masculinas e, com isso, invadem espaços que antes não ocupavam. (...), elas dirigem bondes ou táxis, entram nas usinas metalúrgicas onde, moldam abuses, ajustam peças, manejam o maçarico (...), no campo elas lavram e vendem o gado na feira, trabalho masculino por excelência. (PERROT, 1998, p.93-97)

Depois dessa experiência durante a guerra, onde as mulheres tiveram que deixar seus filhos a mercê da sorte, ou até mesmo a levá-los para as fábricas submetendo-os a longas jornadas de trabalho, temperaturas quase que insuportáveis, não se deixaram domar pelas regras, e porque não dizer pelas “rédeas” que a sociedade impunha sobre suas vidas.

Fazendo uma viagem no passado, em meados das décadas de 1920 e 1930,

as mulheres conseguiram, em vários lugares, romper com algumas das expressões mais agudas de sua desigualdade em termos formais e legais, particularmente no que se refere ao direito ao voto, à propriedade e ao acesso à educação. (PISCITELLI, 2002, p.9)

Percebemos que houve avanços significativos relacionados aos direitos reservados a cada cidadã e, principalmente destinados às cidadãs desse país. E com o acesso à educação, as mulheres tiveram a oportunidade de possuírem uma formação profissional, começando como professoras, e tendo as escolas normais como primeiras universidades, e só depois lhe foram confiadas às funções ligadas à saúde e ao direito.

Porém, mesmo com todas as mudanças aqui expostas, os homens estavam sempre à frente delas, pois segundo Adriana Piscitelli (2002, p.10) “a

divisão de trabalho baseada no sexo implicou desigualdade ou opressão sexual apenas no momento em que surgiram as classes sociais baseadas na propriedade privada”. E como os homens começaram a trabalhar primeiro e, conseqüentemente acumularam um capital maior, puderam então, possuir mais propriedades que as mulheres, conseguindo assim, uma posição privilegiada na sociedade capitalista e patriarcal, além de produzir a opressão, e a subordinação feminina, portanto entendemos que as causas reais dessa opressão estão postas na relação existente entre capitalismo/patriarcado.

Tal subordinação é apresentada por Adriana Piscitelli “como algo que varia em função da época histórica e do lugar do mundo que se estude (...) a ideia subjacente é a de que o que é construído pode ser modificado.” (2002, p.9). Dessa forma, entende-se que existe uma solução para, quem sabe, erradicar a opressão sofrida pelas mulheres.

Mas, para que isso ocorra é necessário mudar a forma como as mulheres são vistas pela sociedade (frágeis, dependentes, incapazes), só assim seria possível alterar os espaços sociais por elas ocupados, políticas públicas relacionadas ao tema ora discutido também facilitariam o acesso a tais espaços/instituições.

CAPÍTULO II

COMO A PESQUISA FOI REALIZADA?

O referente trabalho tem respaldo teórico a partir da definição de representação social feita por Moscovici citado em Marcos Alexandre, “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos” (2004, p. 126). Assim, representação social, implica na forma como somos vistos socialmente pelas outras pessoas, desde a vestimenta até o modo de falar, de andar, ou seja, seu modo de ser. Sendo que esta elaboração de comportamentos e comunicação dá-se desde o momento em que nascemos, ou melhor, desde o momento em que nossos pais descobrem se seremos macho ou fêmea, daí em diante começam as construções e expectativas ao nosso respeito, somos educados para usar roupas cor de rosa, lilás, quando meninas, e azul, verde, vermelho, amarelo..., ; os meninos têm bem mais opções de cores que as meninas, e não

para por aí o modo de andar, de falar, de sentar, até mesmo o de olhar, é diferenciado, ou seja, são frutos de construções socioculturais.

Dessa maneira, temos como objetivo identificar as representações sociais imiscuídas nas letras das músicas de Jackson do Pandeiro, sendo indiscutível a apreensão de sua biografia, assim como a realização de leituras que fazem menção a literatura pertinente ao significado da palavra gênero e, mais especificamente relacionada à categoria “mulher”.

Entre as leituras, destacamos a categoria de Identidade Social, na visão de Stuart Hall, que disponibiliza este conceito dividindo-o em três concepções de identidade, a do sujeito do Iluminismo, o sujeito sociólogo e sujeito pós-moderno:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior (...) permanecendo essencialmente o mesmo. (...) A noção de sujeito sociólogo refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava. (...) o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. (...) o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos (...). (2006, p. 10-13)

Dessa forma, entendemos que vivemos nos tempos do sujeito pós-moderno, em constantes transformações, assim, nos propomos a identificar as identidades sociais presentes nas composições selecionadas neste trabalho.

Para o processo de análise foram selecionadas 25 canções, as quais fazem referência à categoria mulher, muitas delas explícitas nos próprios títulos.

Quanto ao processo de análise foi feito, através da análise de conteúdo, segundo Laurence Bardin, que em síntese é entendida como um método pelo qual se analisa as comunicações (oral e escrita), utilizando procedimentos sistemáticos que podem descrever o conteúdo das mensagens disponibilizadas para pesquisa.

Esta técnica, tem sua gênese nos Estados Unidos, no ano de 1960 aproximadamente, advoga que sempre há algo para ser desvendado por trás de um texto aparentemente claro; essa análise mais aprofundada só é possível pelo

teor polissêmico encontrado nos mais diversos e distintos enunciados, cabendo o uso da análise de conteúdo na interpretação dos dados da referentes a pesquisa.

No entanto, segundo Bardin a partir da década de 1960 três fenômenos afetaram o desenvolvimento da análise de conteúdo (AC):

- O RECUSO DE PROGRAMAS DE COMPUTADORES -- permitem uma interpretação mais objetiva dos textos;
- O INTERESSE PELOS ESTUDOS RELACIONADOS À COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL - refere-se ao sistema de signos não linguísticos, ou seja, visuais, musicais, que podem ser discutidas a partir da AC;
- A INVIABILIDADE DE PRECISÃO DOS TRABALHOS LINGUÍSTICOS - confronta-se com a AC, por ser, a Linguística, uma área bem fundamentada e constituída metodologicamente.

Funções da Análise de Conteúdo:

- FUNÇÃO HEURÍSTICA - a AC abrange os mais diversos meios exploratórios, na busca de novas descobertas, invenções ou resolução de problemas;
- FUNÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO DA PROVA - elabora-se hipóteses, na tentativa de, com o desenrolar da pesquisa, serem confirmadas ou negadas.

Portanto, o objetivo da AC é ir além dos significados explícitos, colocados a mostra na leitura simples, procura-se sempre um texto sob outro texto, é uma busca de diferentes realidades. Organiza-se em três etapas:

- PRÉ-ANÁLISE - nesta etapa, todo o material é organizado, escolhe-se os documentos a serem analisados de acordo com o objetivo da pesquisa;
- EXPLORAÇÃO DO MATERIAL - como o próprio nome já diz, este momento é exatamente para explorar de fato todos os textos/músicas, é a fase mais densa da pesquisa, pois escolhe-se **unidades de registro**, que podem ser, uma palavra, uma frase, um personagem, levando em conta o contexto sócio-cultural, bem como o seu papel social; depois temos as **regras de contagem**, que servem para identificar a frequência com que aparecem certos elementos

do texto, bem como a ordem dos mesmos, pois se certas palavras aparecem mais que outras, ou primeiro o sujeito A e depois o B pode ter uma significativa importância, e o último passo desta etapa é a **escolha de categorias**, essas são reflexos da realidade, reúnem grupos de elementos, que são escolhidos de acordo com vários critérios, como por exemplo, os temas, verbos, adjetivos, linguagens, escritas, entre outros.

- TRATAMENTO DOS RESULTADOS - ao interpretar os dados é necessário uma retomada na fundamentação teórica pertinente à pesquisa, pois a relação entre ambos é que dá sentido a interpretação final, ou seja, o significado que estava implícito, a que realmente determinada expressão refere-se deve estar em consonância com as leituras realizadas.

Todavia, após contextualizarmos a técnica usada na análise das canções selecionadas, mostraremos a seguir seus passos neste trabalho. Na pré-análise escolhemos as músicas à serem analisadas, 25 composições, assim como a literatura pertinente ao tema; na exploração do material, as nossas unidades de registro são as personagens presentes nas referentes canções, bem como seus papéis sociais; quanto as regras de contagem foram realizadas a partir das letras e do áudio das músicas selecionadas e categorizadas, pois a partir da audição das músicas percebemos os termos que o cantor/compositor enfatizou de maneira explícita; a escolha de categorias ocorreu na divisão de grupos que estabelecem íntima relação com a realidade, o critério utilizado foi o tema, selecionando cada música em seu respectivo eixo temático; em relação ao tratamento dos resultados, está em comunhão com a fundamentação teórica da pesquisa, igualmente com o objetivo de promover uma análise das representações das identidades de gênero presentes no cancionário jacksoniano.

As canções submetidas à análise de conteúdo são: Mulher malvada; Verdadeiro amor; Babá de cachorro; A mulher do Aníbal; Sebastiana; Maria da pá-virada; Ai, Tertulina; Morena bela; Balanço de Maria; Madalena; Liberdade demais; Mãe Maria; Rosalina; Tem pouca diferença; Mãe solteira; Quadro negro; Vou buscar Maria; Xexéu de bananeira; Boa noite; Rosa; A mulher que virou homem; Marieta; A tuba da muié; Maria do angá e Catirina.

CAPÍTULO III

JACKSON DO PANDEIRO E SUAS MUSAS

(...) o tema mulher predominava, salpicando da onipresente valentia, das coisas singelas do campo, dos paradoxos urbanos e dos dramas existenciais (...). Da cabocla do brejo pulava-se para a suburbana (...). Além de fonte de inspiração, a ânsia pelo sexo feminino atua como estímulo (...). Havia as recatadas, as fogosas e as valentes. (MOURA; VICENTE, 2001, P.109-110)

Percebemos através desta epígrafe, que Jackson tinha uma grande afinidade com o tema “mulher”, assim, como o nosso objeto de estudo está centrado nas letras das músicas já selecionadas e expostas anteriormente, apresentaremos no quadro a seguir informações importantes acerca das referidas canções, sendo que muitas delas deixa transparecer em seu próprio título o tema informado acima.

Apesar de ser este trabalho de cunho analítico tomando algumas letras de músicas, é importante enaltecer a vida artística de Jackson do Pandeiro, através de suas canções, pois sabemos que, de acordo com Ricardo Anísio “Jackson do Pandeiro é a segunda figura da trindade musical brasileira, aduzida ainda com Luiz Gonzaga e Gordurinha” (2011, p.128), nota-se então, um lugar de destaque destinado a ele.

Assim, oferecemos um pouco da vida dos cantores/compositores citados anteriormente, começando por Luiz Gonzaga do Nascimento, que nasceu na cidade de Exu/PE, em 13 de dezembro de 1912, filho de um lavrador e sanfoneiro, Januário José Santos e de Ana Batista de Jesus, agricultora e dona de casa, desde pequeno a sanfona lhe chamara atenção, sobretudo a de oito baixos do pai, a quem ajudava tocando zabumba e cantando em festas religiosas, feiras e forrós. Serviu ao exército em 1930, como voluntário, porém já era conhecido como sanfoneiro e após 9 anos abandona a carreira militar, muda-se para o Rio de Janeiro carregando sua primeira sanfona nova, desse momento em diante dedica-se inteiramente à música, tocando em bares, ruas e cabarés da Lapa, até participar do programa de Ary Barroso, na Rádio Nacional, onde solou uma composição sua, intitulada, Vira e mexe, que mais tarde (1943) passou a chamar-se de Chamego após criar uma parceria com Miguel Lima, tal

união permitiu o lançamento de vários sucessos: "Dança, Mariquinha", "Cortando Pano", "Penerô Xerém" e "Dezessete e Setecentos", agora gravadas pelo sanfoneiro e, também cantor, Luiz Lua Gonzaga, recebendo esse apelido (Lua) de Paulo Gracindo. Neste mesmo ano, tornou-se parceiro do cearense Humberto Teixeira, com quem sedimentou o ritmo do baião, com músicas que tornaram-se tema da cultura e dos costumes nordestinos "Baião" e "Meu Pé de Serra" (1946), "Asa Branca" (1947), "Juazeiro" e "Mangaratiba" (1948) e "Paraíba" e "Baião de Dois" (1950), por diversas razões Luiz Gonzaga ao longo de sua carreira profissional teve outras parcerias, e, em 1984, recebeu o primeiro disco de ouro com a canção "Danado de Bom". Por esta época apresentou-se duas vezes no exterior (Europa); em seguida começaram a surgir os livros sobre o homem simples e, por vezes, até ingênuo, que gravou 56 discos e compôs mais de 500 canções. Luiz Gonzaga morreu em Recife/PE, em 02 de agosto de 1989.

Waldeck Artur de Macedo, o Gordurinha, nasceu no bairro da Saúde, em Salvador, no dia 10 de agosto de 1922. Sua estreia no mundo musical deu-se em 1938, quando fez parte do conjunto vocal "Caídos do céu" que se apresentava na Rádio Sociedade da Bahia, fazendo logo depois par cômico com o compositor Dulphe Cruz, neste mesmo ano recebe esse apelido que virou marca registrada. Em seguida fecha um contrato na Rádio Jornal de Comércio, em Recife, em 1951. Depois, o jovem compositor e humorista Gordurinha passaria pela rádio Tamandaré onde conheceu o poeta Ascenso Ferreira, Jackson do Pandeiro e Genival Lacerda. Os dois últimos gravariam em primeira mão, várias das suas composições, como por exemplo, Meu enxoval. Gordurinha faleceu em Nova Iguaçu/RJ em 16 de janeiro de 1969, recebendo no seu pós-morte várias homenagens de amigos queridos, como por exemplo, de Gilberto Gil, Elba Ramalho, Jards Macalé.

Ao que tudo indica o sucesso profissional de Jackson do Pandeiro é proveniente de uma herança materna, pois desde muito cedo teve o privilégio de ter como mestra "uma das mais respeitadas coquista (ou coqueiras) de sua região, entre o final da década de 1910 a 1930" (MOURA; VICENTE, 2001, p.24). E como resultado de todo esse aprendizado Jackson tornou-se um ótimo ritmista e compositor, inclusive disseminou o ritmo que até então, não era muito

apreciado, o coco, “Jackson um dos responsáveis pela popularização e quebra do preconceito sócio-econômico-racial que o ritmo encerrava”. (2001, p.37).

Tal ritmo é bastante discriminado tendo pouca repercussão, talvez porque grande parte dos seus cantadores e dançadores são pessoas sem poder aquisitivo, negras, portanto em posição social subalternizada. E aqui oferecemos a reflexão de Ayala:

Pode-se afirmar que a brincadeira do coco é dança de minorias discriminadas, por diversas condições: pela etnia (negros, índios e seus descendentes), pela situação econômica (pobreza às vezes extrema), pela escolaridade (iletrados ou semianalfabetos), pelas profissões que exercem na sociedade (agricultores com pequenas propriedades ou sem-terra, assentados rurais, pescadores, pedreiros, domésticas, copeiras de escolas). (1999, p. 247)

Vejamos a seguir o quadro representativo das músicas analisadas e seus respectivos dados, sendo que o ritmo supracitado se faz presente em algumas composições, além de uma variedade de outros ritmos.

QUADRO 1

Apresentação dos ritmos, datas das composições, compositores e pontos basilares das 25 canções selecionadas para análise, no cancioneiro de Jackson do Pandeiro.

TÍTULOS	RÍTMOS	DATAS DAS COMPOSIÇÕES	COMPOSITORES	PONTOS BASILARES
Mulher malvada	Baião	1978	Wilson Moux e Durval Vieira	Lá em casa só ficou o periquito dela

Verdadeiro amor	Samba	1967	José Bezerra	Mãe
Babá de cachorro	Samba	1967	Antônio Barros e Jackson do Pandeiro	Escurinha
A mulher do Aníbal	Coco	1954	Genival Macedo e Nestor de Paula	Que briga é aquela que tem acolá?
Sebastiana	Rojão	1953	Rosil Cavalcanti	Paraíba
Maria da pá- virada	Samba	1970	Betinho e Jackson do Pandeiro	Botequim/ desbloqueada / Biriba/ fofoca
Ai, Tertulina	Xote	1964	Elias Soares e Sebastião Rodrigues	Ceará/ Rio de Janeiro
Morena bela	Rojão	1971	Onildo Almeida e Juarez Santiago	Bela/ Rosa
Balanço de Maria	Baião	1971	Buco do Pandeiro e Geraldo Gomes	Dança forró
Madalena	Baião	1963	Rosil Cavalcanti	Até dá pena
Liberdade demais	Samba	1976	Raimundo Olavo e Jackson do Pandeiro	É demais
Mãe Maria	Rojão	1976	Joca de Castro e Antônio Gonzaga	Catolê/ Leblon/Jacaré
Rosalina	Baião	1965	Amadeu Macêdo e Pinho Campos	Tesouro/ flor

Tem pouca diferença	Xote	1981	Durval Vieira	Que diferença da mulher o homem tem?
Mãe solteira	Baião	1981	Severino Ramos e Antônio Rodrigues	Ai, ai, ai como sofre a mãe solteira
Quadro negro	Rojão	1959	Rosil Cavalcante e Jackson do Pandeiro	Professora/ enfeitada que só uma vedete
Vou buscar Maria	Rojão	1959	Jackson do Pandeiro e Severino Ramos	Sertão/ Rio de Janeiro
Xexéu de bananeira	Coco	1961	Jackson do Pandeiro	Bonita/ formosa/ brejeira
Rosa	Baião	1956	Ruy de Moraes e Silva	Morena faceira/ flor de quixabeira
A mulher que virou homem	Forró	1961	Jackson do Pandeiro e Elias Soares	Hollywood
Marieta	Baião	1972	Luiz de França e Joceval Costa Lima	Não precisa de pintura/ Não gosta de falsete
A tuba da muié	Coco	1975	Zito de Souza	Mulher tocando tuba
Maria do angá	Rojão	1962	Antônio Barros e Eleixo Ourique	Ela não quer casar
Catirina	Baião	1972	Jararaca	Canta/ dança/toca

Boa noite	Baião	1958	Tito Neto, Jackson do Pandeiro e Alventino Cavacante	Estrangeiro
-----------	-------	------	--	-------------

Fonte: Pesquisa exploratória

CAPÍTULO IV ANALISANDO

Um cantor que criou um estilo de cantar e que conseguiu se fazer engolir sem precisar aderir às impiedosas deformações, sugeridas pelos grandes centros liderados por Rio de Janeiro e São Paulo (ANÍSIO, p.130).

Talvez esse tenha sido o real segredo do sucesso de Jackson do Pandeiro, sua humildade e o seu talento nato. Dessa forma teve alguns tropeços, porém várias vitórias todas mais que merecidas, e assim complementamos com a fala de Ricardo Anísio “o Rei do Ritmo tem lá sua coroa (...)” (2011, p.129).

Dessa forma, começamos a verificar os tipos de representação e identidades sociais presentes nas canções selecionadas. Para isso dividimo-las em grupos (identidade regional; mulheres artistas; estética da mulher negra; mulheres valentes; mulher sublimada; mulher e pobreza; mulheres autônomas e relação homem/mulher). Seguindo essa mesma ordem, começamos pelo grupo Identidade regional, composta por seis canções.

QUADRO 2

Grupo: Identidade Regional

MÚSICAS	REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA	REGRAS DE CONTAGEM
Vou buscar Maria	Sertão / Rio de Janeiro	Sertão/10 - Rio de Janeiro/1
Sebastiana	Paraíba	Paraíba/2

Ai, Tertulina	Ceará / Rio de Janeiro	Ceará/2 – Rio de Janeiro/4
Mãe Maria	Catolê / Leblon / Jacaré	Catolê/1 – Leblon/10 - Jacaré/10
A mulher que virou homem	Hollywood	Hollywood/2
Boa noite	Estrangeiro	Estrangeiro/1

Fonte: Pesquisa exploratória

Iniciamos então, com o rojão Vou buscar Maria, composta em 1959:

Eu vou, eu vou / Pro Sertão, se Deus quiser
 Vou visitar minha mãe, vou buscar minha mulher (2x coro
 repete)
 Já faz quatro anos que cheguei do Norte
 Tive muita sorte no Rio de Janeiro
 Bastante dinheiro já tenho guardado
 Enfrento o pesado de noite e de dia
 Só está me faltando é minha Maria
 Eu vou, eu vou / Pro Sertão, se Deus quiser
 Vou visitar minha mãe, vou buscar minha mulher (2x)
 Não é brincadeira viver tão sozinho,
 Sem ter um carinho de rabo de saia
 Quando vou à praia fico me mordendo,
 As "muié" correndo fazendo arrelia
 Só está me faltando é minha Maria
 Eu vou, eu vou / Pro Sertão, se Deus quiser
 Vou visitar minha mãe, vou buscar minha mulher (2x)
 Quando aqui chegar, temos que morar em Copacabana no
 segundo andar
 Tomar banho de mar, todo dia eu vou,
 Ela de maiô, feito de cetim
 E mulher nenhuma zomba mais de mim
 Eu vou, eu vou / Pro Sertão, se Deus quiser
 Vou visitar minha mãe, vou buscar minha mulher (2x)
 Não é brincadeira viver tão sozinho,
 Sem ter um carinho de rabo de saia
 Quando vou à praia fico me mordendo,
 As "muié" correndo fazendo arrelia
 Só está me faltando é minha Maria
 Eu vou, eu vou / Pro Sertão, se Deus quiser
 Vou visitar minha mãe, vou buscar minha mulher (2x)
 (JACKSON DO PANDEIRO, VOU BUSCAR MARIA)

A representação social existente é a de um nordestino vitorioso, que mesmo diante da ascensão social que o rodeava não se esqueceu da mulher que deixou no Sertão esperando-o há quatro anos. Percebe-se também um conflito sociocultural, “e mulher nenhuma zomba mais de me” (Jackson do Pandeiro), entende-se então que as mulheres da praia de Copacabana no Rio de Janeiro tinham certo preconceito para com o nordestino, impossibilitando assim qualquer relacionamento, principalmente amoroso. Fica explícito seu sentimento por Maria, sua fidelidade e companheirismo. Em relação as regras de contagem, percebemos que há um enaltecimento do Sertão, pois este termo aparece dez vezes no decorrer da música, e o Rio de Janeiro apenas uma vez. E exatamente neste lugar enaltecido na música supracitada, mora Maria, motivo pelo qual o Sertão é tão repetido.

Outras músicas também fazem alusão à identidade regional, como em Sebastiana, que fala da Paraíba;

Convidei a comadre Sebastiana
 Pra cantar e xaxar na Paraíba
 Ela veio com uma dança diferente
 E pulava que só uma guariba
 E gritava: a, e, i, o, u, y
 Já cansada no meio da brincadeira
 E dançando fora do compasso
 Segurei Sebastiana pelo braço
 E gritei, não faça sujeira
 O xaxado esquentou na gafieira
 E Sebastiana não deu mais fracasso
 Mas gritava: a, e, i, o, u, y (repete tudo) (JACKSON DO
 PANDEIRO, SEBASTIANA)

No próprio título da composição percebe-se esta valorização da mulher, Sebastiana, que se destacou em sua apresentação, porém há uma atitude masculina que merece destaque, ele "segura ela pelo braço e grita, não faça sujeira", mostra uma relação de poder entre o homem e a mulher, na qual a figura masculina se sobrepõe à feminina, pois ele não admite erros, e vendo a sua desenvoltura no palco, é obrigado a afirmar que "Sebastiana não deu mais fracasso", ou seja, superou suas expectativas, e contribuiu para que "o xaxado esquentasse na gafieira" agradando todo o público presente, evidenciando o estado da Paraíba, não especificando a cidade onde o show aconteceu.

A canção, Ai, Tertulina, menciona uma moça que namorava muito, morava no Ceará e mudou-se para o Rio de Janeiro, vejamos:

Vocês tão vendo qual é o resultado
 De moça nova ter mais de dez namorado
 (2x)
 A Tertulina namorava até demais
 Qualquer rapaz para ela estava bom
 Um belo dia ela se mandou pro Rio
 E nesse clima frio a coisa mudou de tom
 Agora anda na Esplanada do Castelo
 Com três "bruguelo" se lastimando da sorte
 Ai, Tertulina, quem mandou tu vim do Norte
 A Tertulina lá no Ceará
 Danou-se a namorar desde o tempo do colégio
 Chegou no Rio queria fazer pior
 E lá se foi a vaca pro brejo (repete tudo) (JACKSON DO
 PANDEIRO, AI, TERTULINA)

Fica explícita a intenção de desvalorizar a mulher, por ela não estar dentro do paradigma hegemônico, de moça recatada, rainha do lar, obtendo como "castigo" os "três bruguelos" provavelmente sem a instituição do casamento, nem a figura masculina para lhe apoiar, e complementa dizendo "Ai, Tertulina, quem mandou tu vim pro norte", percebe-se que enquanto ela namorava com os rapazes da sua terra estava tudo bem, porém no Rio de Janeiro, diante de uma cultura diferente, Tertulina não sabendo lidar com os costumes dos rapazes cariocas acabou se dando mal, isentando toda a responsabilidade do homem na criação dos filhos.

Já na canção Mãe Maria onde o personagem diz não voltar mais para Catolê, pois está muito bem no Jacaré convidando a mãe para morar com ele,

Oh mãe Maria, diga lá pro mano Zé
 Que o negócio aqui está bom
 Eu não estou mais no Leblon
 Estou morando em Jacaré
 Aqui arranjei uma mineira
 Ela é costureira e faz crochê
 Mamãe venha logo, venha embora
 Que eu não volto mais pro Catolê
 Oh mãe Maria, diga lá pro mano Zé
 Que o negócio aqui está bom
 Eu não estou mais no Leblon
 Estou morando em Jacaré
 Comprei uma viola americana
 E deixei o meu cabelo crescer
 No embalo eu entrei na juventude
 Misturando baião com iêiêiê (JACKSON DO PANDEIRO, MÃE
 MARIA)

A valorização do Leblon e de Jacaré é notável, o oposto acontece com Catolê, de acordo com a contagem, pois nos dois primeiros lugares a frequência de repetição é de dez vezes, enquanto no último caso ocorre apenas uma vez, evidenciando a intencionalidade positiva aos lugares onde ele (o personagem) obteve ascensão econômica, e amorosa, pois está em um relacionamento com "uma mineira, e ela é costureira e faz crochê" não se esquecendo de sua mãe, havendo o convite para morar com ele em Jacaré "Mamãe venha logo, venha embora", pois o mesmo não pretende retornar à Catolê. Também faz menção aos produtos americanos, e ao estilo comum da época, 1976, na qual os homens adotam cabelos longos, e o rock está em evidência.

Na composição A mulher que virou homem ressalta a ideia de modernização advinda de Hollywood, onde a personagem feminina foi submetida a uma cirurgia de mudança de sexo, sua identidade social passou a ser masculina, que segundo ela só assim seria possível ter a tão almejada autonomia, fato que criticamos, pois não é necessário uma mudança tão drástica para poder ser ouvida, entendida e respeitada pelos homens, basta saber se impor de acordo com a situação, além de ter conhecimentos que enalteçam a sua presença nos mais variados espaços públicos/privados, até porque quem tem conhecimento tem poder.

Meu pai me disse: meu filho tá muito cedo,
 Eu tenho medo que você case tão moço.
 Eu me casei e veja o resultado,
 Tô atolado até o pescoço.
 Minha mulher, apesar de ter saúde
 Foi pra Hollywood, fez uma operação
 Agora veio com uma nova bossa,
 Uma voz grossa que nem um trovão
 Quando eu pergunto: o que é isso, Joana?
 Ela responde: você se engana
 Eu era Joana antes da operação
 Mas de hoje em diante o meu nome é João
 Não se confunda, nem troque meu nome
 Fale comigo de homem pra homem
 Fique sabendo já de uma vez
 Que você me paga tudo que me fez
 Agora eu ando todo encabulado
 E essa mágoa é que me consome
 Por onde eu passo todo mundo diz
 Aquele é o marido da mulher que virou homem (JACKSON DO
 PANDEIRO, MULHER QUE VIROU HOMEM)

Esta composição musical relata uma experiência talvez, fictícia, porém apresentaremos a seguir uma história real. É o caso de João W. Nery, que nasceu Joana, no ano de 1950, e desde os quatro anos de idade já se identificava com gênero masculino, vivendo por quase 10 anos uma dupla identidade social, sendo mulher na família, na faculdade, no trabalho e homem para os desconhecidos. Formou-se em Psicologia, tinha seu consultório, dava aulas em três universidades e fazia mestrado. Até que em 1977, aos 27 anos, em meio à ditadura militar, submeteu-se a sua primeira cirurgia, clandestinamente, pois nesta época ainda não era permitido tais operações. Submeteu-se à mamoplastia masculina, consiste na retirada das mamas, e para obter as características masculinas, como barba, voz grossa, aumento da massa muscular, começou a tomar testosterona. Conseqüentemente teve que tirar novos documentos, só que agora com identidade masculina, assim perdeu todo seu currículo, tomando-se perante a Lei um analfabeto e tendo que trabalhar nas mais diversas funções, como pedreiro, pintor, vendedor, massagista, entre outras. A segunda cirurgia foi a histerectomia (retirada do útero e ovários), acabando com o que chamava de menstruação, além de cessara produção do estrogênio, que é o hormônio feminino. A neofaloplastia, que é a construção do pênis, ele não fez por estar em fase experimental. Existem técnicas mais avançadas como, a metoidioplastia, que consiste na soltura do clitóris, já aumentado pelos hormônios e com uso de bombas especiais, transformando-o num pênis pequeno, porém sem perder a sensibilidade.

Considera-se heterossexual, devido ao seu desejo sexual ter sido sempre por mulheres. Aos 37 anos tem um filho não biológico, também hetero, engenheiro, o qual aos 13 ficou sabendo de toda a história do pai, construindo assim, uma relação harmoniosa entre pai e filho, este sendo fruto de uma união sadia que perdura 15 anos ao lado de sua esposa. Diz ser um homem realizado, recentemente lançou um livro autobiográfico, chamado Viagem Solitária, contando toda sua história, porém com um futuro duvidoso, pois não sabe ao certo o que lhe acontecerá, os médicos só sabem que a testosterona evita a osteoporose, porém aumenta o seu colesterol e desconfiam que ela possa ser a responsável pelo reumatismo sistêmico que o consome. Colocou três próteses, uma na coluna e duas no quadril, o que lhe ocasionou, 20 dias depois, um infarto. Mas, resta-lhe um consolo, o de ainda estar vivo.

Em relação ao baião intitulado Boa noite, que faz menção ao reconhecimento internacional do ritmo musical enfatizado nesta canção, o coco, pois, “o doutor baião viajou o mundo inteiro/só o coco é que não foi/conhecer o estrangeiro”. (JACKSON DO PANDEIRO, BOA NOITE). Subentende-se que, se o coco tivesse se internacionalizado, conseqüentemente ocorreria uma

repercussão maior, que por sua vez refletiria diretamente na carreira artística de Jackson do Pandeiro. Esta composição também é uma homenagem à sua mãe e mestra, Flora Mourão, porém não só a ela, mais a outras mulheres que tiveram passagens importantes na sua vida e podemos confirmar isso nos versos a seguir:

Boa noite, Flora Mourão, senhora dos ritmos do sangue, do chão!
 Boa noite, Luiza de Oliveira, cumade do Brasil!
 Boa noite, Almira Castilho, alegria de todas as casas, esteio de todos os sons!
 Boa noite, Neuza Flores, anjo dos alívios!
 Boa noite, Geralda Gomes, resistência da memória!
 Boa noite, Silvana Sorrentino, cúmplice da temura!
 Boa noite, Rosêmia, Inês, Simone, Luzia, Cida, Branca, Cecília e Isabela, parceiras das etapas!
 Boa noite, nossas senhoras! (JACKSON DO PANDEIRO, BOA NOITE)

Nestes fragmentos, podemos verificar o nome da sua primeira esposa “Almira Castilho”, posteriormente da sua segunda companheira “Neuza Flores”, e de sua sobrinha “Geralda Gomes”. Sendo assim, é quase impossível não perceber a grande admiração e respeito para com elas.

No grupo, mulheres artistas, temos três composições,

QUADRO 3

Grupo: Mulheres Artistas

MÚSICAS	DOTES ARTÍSTICOS	REGRAS DE CONTAGEM
A tuba da muié	Mulher tocando tuba	Mulher tocando tuba/17
Catirina	Canta, dança e toca	Canta, dança e toca/6
Balanço de Maria	Dança forró	Dança forró/12

Fonte: Pesquisa exploratória

A tuba da muié relata a apresentação de uma banda musical, onde a atração principal é a mulher tocando um instrumento chamado tuba, ou melhor, dizendo a “tuda da muié”,

Lá vem chegando o zé marañaduba
 Com sua bandinha para animar
 A mulher dele é quem vem tocando tuba

Todos querem ver a tuba da mulher tocar
(2x)

A sua sogra vem tocando bombardino
E o seu menino no ganzá faz o que quer
Mas o ponto alto da atração
Que provoca sensação é a tuba da "muié"
Mas o ponto alto da atração
Que provoca sensação é a tuba da "muié" (JACKSON DO
PANDEIRO, A TUBA DA MUIÉ)

Como nós podemos perceber, a personagem principal é uma mulher tocando tuba, assim é notável a intenção de valorizá-la, repetindo-se dezessete vezes "a mulher tocando tuba", enaltecendo a mulher como sujeito dotado de conhecimentos artísticos, que se destaca em meio a presença masculina, destoando de maneira explícita do padrão de sociedade patriarcal vigente.

A música Catirina, retrata o sucesso de uma mulher por onde passa, devido a sua vestimenta, acessórios, e principalmente pelos seus dotes artísticos,

Catirina usava um trancelim
Uma saia rendada com babado
Punha oriza cheirosa no cabelo
E chamava atenção do povoado
E nas feira, nas festa onde chegava
E cantando, dançando, onde ela estava
Todo povo a ela perguntava:
Catirina cadê teu anelão?
Alfinete de ouro, correntão... (2x)
Catirina batia no zabumba
E tocava viola e ganzá
Ela era o prazer, a alegria
No recanto, na vila, no arraiá. (JACKSON DO PANDEIRO,
CATIRINA)

A partir da letra e do áudio desta composição, evidenciamos que refere-se a uma mulher humilde, que mora em um arraial ou vila, e alegrava todos com seu jeito descontraído, sua vestimenta e acessórios, chamando atenção por onde passava. Sabe tocar diferentes tipos de instrumentos musicais, viola e ganzá de maneira prazerosa, repetindo-se seis vezes suas ações, canta, dança e toca, vê-se que é uma mulher cheia saberes.

Para encerrar esse grupo, temos o baião intitulado, Balanço de Maria, que mostra o gingado de uma mulher que sabe dançar forró como ninguém, seu rebolado é admirado por todos,

O balanço de Maria é só no vai e vem
 Pra dançar forró é só Maria e mais ninguém (2x)
 Maria dança na base da gafeira
 E é conhecida na ribeira
 Por Maria Xenhenhém...
 Quando ela dança todo mundo para
 Que é pra ver o rebolado e o balanço que ela tem
 O balanço de Maria é só no vai e vem
 Pra dançar forró é só Maria e mais ninguém (2x)
 Maria filha de dona Raimunda
 E é primeira sem segunda
 Pra dançar o xenhenhém
 Zé da Gamela quando dança com Maria
 Só se ouve a gritaria só pedindo o vai e vem (JACKSON DO PANDEIRO, BALANÇO DE MARIA)

Mais uma canção que valoriza a mulher e seus conhecimentos musicais, enfatizando o ritmo forró, aparecendo doze vezes no decorrer da letra e do áudio, a personagem dança tão bem que "todo mundo para/Que é pra ver o rebolado e o balanço que ela tem" (JACKSON DO PANDEIRO, BALANÇO DE MARIA), indo além, diz que Maria é a primeira sem segunda, ou seja, é única, assim a mulher ganha um lugar de destaque.

Quanto ao grupo, Estética da mulher negra, temos sete músicas, que em sua maioria, valorizam a beleza negra, apresentada através dos adjetivos morena e preta, evidenciando o reconhecimento étnico defendido por D'Adesky como algo que deve "realizar-se tanto em nível individual quanto coletivo" (1997, p. 167), assim, o fenótipo feminino negro é enaltecido pelas figuras masculinas presentes nas composições supracitadas.

QUADRO 4

Grupo: Estética da mulher negra

MÚSICAS	CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS	REGRAS DE CONTAGEM
Morena bela	Bela / Rosa	Bela/14 – Rosa/8

Rosalina	Tesouro / Flor	Tesouro/8 – Flor/8
Marieta	Não precisa de pintura, nem de falsete	Não precisa de pintura, nem de falsete/4
Rosa	Morena faceira / Flor de quixabeira	Morena faceira/4 - Flor de quixabeira/4
Xexéu de bananeira	Bonita, formosa, brejeira	Bonita/7 – Formosa/2 – Brejeira/2
Quadro negro	Professora enfeitada	Professora enfeitada/4
Madalena	Até d á pena	Até dá pena/18

Fonte: Pesquisa exploratória

Começamos por Morena bela, onde há uma comparação entre a morena e uma flor, enaltecendo a beleza feminina, é uma mulher que desperta o amor, o qual jura ser fiel. Comprovaremos esta afirmação nos versos abaixo,

Morena bela, eu era, eu sou
 Bela morena, eu serei o seu amor
 (coro repete)
 No jardim da minha casa,
 Um pé de rosa vou plantar
 Só não caso com você
 Se Papai do Céu não deixar
 (coro repete)
 Morena bela, eu era, eu sou
 Bela morena, eu serei o seu amor
 (coro repete)
 Eu vou guardar uma rosa
 Parecida com você,
 Só pra matar a saudade
 No dia que eu não lhe ver
 (coro repete) (JACKSON DO PANDEIRO, MORENA BELA)

De acordo com a contagem realizada a partir da letra e do áudio desta composição, percebemos que o cantor pôs a mulher em ascensão, evidenciando a cor da sua pele, “bela morena” em uma sequência de catorze vezes, e a

compara com uma rosa oito vezes, havendo também uma jura de amor que perpassa os tempos, como podemos perceber no primeiro e segundo verso.

Por conseguinte, podemos analisar a composição Rosalina, que além de ser comparada com uma flor, como em Morena Bela, a personagem é vista também como um tesouro,

Rosalina é um tesouro
Rosalina é uma flor
Rosalina é minha vida
Rosalina é meu amor

Por incrível que pareça
Eu não gostei de ninguém
Mais Rosalina possui
Um jeitinho que ninguém tem
As outras que me desculpe
Mais a ela eu quero bem

Pode chover canivete
E o sangue dar na canela
Eu gosto da Rosalina
E tenho paixão por ela
Quero terminar meus dias
Deitado no colo dela (JACKSON DO PANDEIRO, ROSALINA)

Assim, na música Rosalina, encontramos um diferencial, ela é comparada com o tesouro oito vezes, vista como uma pessoa preciosa, diferente das outras mulheres, fato percebido na segunda estrofe, e além de um tesouro, Rosalina é chamada de flor oito vezes, o que expressa um ser delicado e belo.

Na canção Marieta é notável a preferência pelas mulheres negras, segundo o narrador a personagem não precisa de maquiagem, é bela por natureza, e que por hipótese nenhuma ele deixa sua “preta”.

Ai Marieta
Ai Marieta
Nem que o diabo arranque o rabo
Eu não deixo a minha preta
A Marieta não precisa de pintura
É uma criatura que não gosta de falsete
Tem um colar e um anel muito bonito
Ela carrega no peito uma linda borboleta
Por onde passa o povo fica amarrado

Que eu só vejo cochichado
 Mas que pedaço de preta
 Ai Marieta
 Ai Marieta
 Nem que o diabo arranque o rabo
 Eu não deixo a minha preta
 Olha o meu vizinho é casado com uma branca
 Todo dia ele me manda e começa jogando xepa
 Já me falou pra eu trocar de companhia
 Perguntou quanto eu queria de volta com Marieta
 Quero dez conto somente pelo oxente
 E você paga os objetos que eu dei pra minha preta
 (JACKSON DO PANDEIRO, MARIETA)

Dessa forma, esta composição é contrária a ideologia o embranquecimento apresentada por Hofbauer, como uma necessidade urgente de “arianizar a raça e aristocratizar o sangue” (2006, p.250), ou seja, extinguir a raça negra, de maneira a limpar a sociedade, que tornou-se impura. Tal projeto, chamado de Branqueamento Biológico, acarretou numa miscigenação em massa.

Uma segunda tentativa foi lançada, o Branqueamento Cultural, apostava-se que “numa situação de contato entre duas ou mais culturas, a mais adiantada tende a suplantar a mais atrasada (...) a transformação do outro em um de nós” (Hofbauer, 2006, p.256), entretanto por mais que os negros se aculturassem, ou seja, internalizassem a cultura eurocêntrica, ainda não eram vistos como seres possuidores de uma identidade, e dignos de reconhecimento.

Portanto, ocorreu a terceira forma de branqueamento, a Social, com a justificativa de que há uma relação de poder galgado no meio social, sendo necessário alcançar uma posição social privilegiada, e assim Azevedo citado por Hofbauer complementa dizendo que “para adquirir status, o escuro necessita assimilar-se culturalmente e socialmente ao branco adotando a sua ‘epiderme social’ (2006, p. 266), notamos então, que para o negro ser reconhecido ele deve renunciar o seu fenótipo, sua cultura e sua identidade.

Porém, na composição ora analisada estes processos são desnecessários, pois o companheiro de Marieta se orgulha de tê-la com esposa, e diz “A Marieta não precisa de pintura”, e recusa a oferta do vizinho, casado com uma mulher branca, que de maneira ofensiva propõe uma troca de mulheres, e “Perguntou quanto eu queria de volta com Marieta (Jackson do

Pandeiro, Marieta), então, Marieta “vale” mais do que a branca, evidenciando uma significativa valorização do fenótipo da mulher negra.

O mesmo acontece com a música Rosa, onde a beleza feminina se faz presente, e mais uma vez a predileção é pela mulher negra,

Rosa, Rosa, vem ô Rosa
Estou chamando por você
Eu vivo lhe procurando
Você faz que não me vê
Eu vivo lhe procurando
E nem sinal de você.
(coro repete)

Rosa danada
Minha morena faceira
Minha flor de quixabeira
Não posso mais esperar.
Fique sabendo
Se casar com outro homem
O tihoso me consome
Mas eu lhe meto o punhá.
(coro repete tudo)

Comprei um papel florado
um envelope pra mandar dizer
numa carta bem escrita
o que sinto por você
a carta está esperando
porque não sei escrever.

A coisa pior da vida
É querer bem a mulher
A gente deita na rede
Maginando por que é
Com tantas no mei do mundo
Só uma é que a gente quer.

Coro: "Rosa, Rosa, vem ô Rosa..." (JACKSON DO PANDEIRO, ROSA)

Dissemina uma perspectiva positiva em relação a mulher negra, chamada morena faceira quatro vezes, e comparada com a flor de quixabeira, enaltecendo a beleza física feminina, com a presença de uma relação amorosa, onde a figura masculina apresenta uma identidade violenta, perceptível na segunda estrofe, afirmando que Rosa não pode casar-se com outro homem, apenas com ele, caso contrário, ele mata o seu pretendente, evidenciando um caráter possessivo, presente na atual sociedade brasileira, principalmente com as mulheres negras.

Em Xexéu de bananeira também há palavras que qualificam a mulher em sua aparência física:

Ó, menina bonita não dorme na cama
Dorme na limeira, no colo da rama
Meu xexéu de bananeira
Cajueiro abaixa a rama

Ó, menina bonita, formosa, brejeira
Que só sai de casa pra fazer a feira
Arrastando a saia, levanta poeira
Meu xexéu de bananeira
Cajueiro abaixa a rama (JACKSON DO PANDEIRO, XEXÉU DE BANANEIRA)

Ao analisarmos esta canção, percebemos que os adjetivos que qualificam a mulher em sua beleza física, apresentam-se fortemente, como por exemplo, bonita repete-se sete vezes, com o intuito de trazer à baila o fenótipo negro de maneira positiva, formosa aparece duas vezes e brejeira também, todos esses termos servem para valorizar a estética da menina, que é comparada ao pássaro, xexéu de bananeira, cujas penas são negras, e de aparência exuberante.

Em relação à canção “Quadro negro”, tem como personagem principal a professora Filomena, que além de bela, é inteligente, chamando a atenção dos alunos:

Um bê com a bê -a ba
Um bê com e bê -e bé
Um bê com i bê -e bi
Um bê com o bê -o bó
Olha vamos estudar que é melhor

Estudei com a dona Filomena
Professora da Vila Tacauã
Lá no quadro negro de manhã
Escrevia a lição pra se estudar
E depois começava a se arrumar
Enfeitada que só vedete
E a turma olhando a toailete
A pestana nem podia bater
Filomena vendo tudo calada
Gritou pra turma responder:
Um bê com a bê -a ba

Eu sentado na frente estudava
E olhava ligeiro la pra mesa

Porque tinha cinema sem despesa
 Filomena deu pra desconfiar
 Porque a turma parou de soletrar
 Levantou-se e foi logo perguntando
 O que é que vocês estão olhando
 Porque e que tem aqui tanto sossego
 Eu então respondi a Filomena
 Eu estudo é olhando o Quadro negro (JACKSON DO
 PANDEIRO, QUADRO NEGRO)

Esta composição mostra a mulher em uma situação social diferente das demais, como uma profissional da Educação, alguém que tem certo prestígio social, e estabelece relações de poder para com o alunado, além de ser uma bela mulher, fato que foi evidenciado quatro vezes, mulher vaidosa que gosta de se “enfeitar” e atrai a atenção dos alunos com a sua beleza.

Para finalizar esse grupo, temos uma música que é totalmente contrária às anteriores, Madalena, fala de uma mulher que na sua mocidade era querida por todos, e agora na velhice é desprezada da mesma forma que era amada. Enfatizando um preconceito com as mulheres da terceira idade, antes mais forte que hoje.

Madalena, até dá pena ver,
 Madalena, até dá pena
 Madalena, no trabalho não engrena,
 Madalena, até dá pena
 (coro repete)
 Se arranja um novo amor, o cara desiste
 Se tem uma dor de dente, essa dor insiste
 Se consegue um emprego pra ter vida amena
 O patrão não vai com ela,
 Despede Madalena
 Madalena, até dá pena ver,
 Madalena, até dá pena
 Madalena, no trabalho não engrena,
 Madalena, até dá pena
 (2x)
 Já foi moça bem querida quando era brotinho
 Hoje é balzaquiana, não tem amiguinhos
 Faz croché e em toda dança nunca entra em cena
 Quem te viu e quem te vê,
 Velhota Madalena (JACKSON DOPANDEIRO, MADALENA)

Assim, de maneira explícita, esta composição representa a vida de algumas mulheres na sua velhice, que acabam sendo alvos de preconceitos e discriminações, nos diferentes setores sociais, trabalho, amor, família ... e dessa forma “até dá pena” repete-se dezoito vezes, evidenciando uma situação de desprezo, e exclusão social.

Chegamos finalmente, ao grupo das Mulheres valentes, que simulam situações engraçadas e interessantes. Formado por três canções,

QUADRO 5

Grupo: Mulheres valentes

MÚSICAS	ATITUDES MARCANTES	REGRAS DE CONTAGEM
Mulher malvada	Lá em casa só ficou o periquito dela	E lá em casa só ficou o periquito dela/9
Maria da pá- virada	Botequim – desbloqueada – biriba – fofoca	Botequim – desboqueada – biriba /8
A mulher do Aníbal	Que briga é aquela que tem acolá?	Que briga é aquela que tem acolá? É a mulher do Aníbal com Zé do Angá /14

Fonte: Pesquisa exploratória

Este grupo vem corroborar com os variados temperamentos figurados pelas personagens das músicas interpretadas por Jackson do Pandeiro e analisadas neste trabalho. Iniciamos pela composição, Mulher malvada, que apresenta uma mulher determinada, que estando com raiva não pensa duas vezes antes de impor suas vontades diante do marido.

Já estou quase ficando de cuca lélé (2X)
De tanto passar raiva daquela mulher
Na minha casa eu tinha um canário
E tinha um papagaio sabido e bonito
Quando um cantava o outro falava
E a mulher também criava um tal de periquito
Um dia ela com raiva de mim
Vendeu meu passarinho de pena amarela
Vendeu meu papagaio que é bom falador
E lá em casa só ficou o periquito dela
Só ficou o periquito dela

Lá em casa só ficou o periquito dela (3x) (JACKSON DO PANDEIRO, MULHER MALVADA)

Percebemos que a mulher estabelece, no ambiente familiar, uma autoridade frente a imagem masculina, situação que destoa do paradigma patriarcal, no qual a mulher é submissa e totalmente passiva diante dos ditames masculinos, fato evidenciado na repetição do décimo verso “E lá em casa só ficou o periquito dela”, e esta mulher que recebe o adjetivo de malvada no próprio título da canção, apresenta-se liberta das amaras sociais, e que de certa forma, acaba sendo a vilã da história, pois ela que é malvada, ruim e o homem sai como o bom moço.

Em seguida expomos a música, Maria da pá-virada, onde a personagem principal é uma mulher que é contrária ao padrão social feminino, com temperamento explosivo, que chegou cometer crimes e assalto à mão armada...

Quem vem lá, quem vem lá,
É Maria da pá virada
Quem vem lá, quem vem lá,
É Maria da pá virada
Eu vi que a Maria hoje
Acordou apavorada
Já entrou no botequim
Já ficou desboqueada
Maria da pá virada
É rainha da maloca
Gosta de tomar biriba
E dá valor a uma fofoca
Olha aqui vou te contar
Maria da pá virada
Já tem três crimes de morte
Dez assalto a mão armada (JACKSON DO PANDEIRO, MARIA DA PÁ-VIRADA)

Esta música apresenta termos que de acordo com a nossa sociedade são exclusivamente masculinos, como por exemplo, biriba, botequim, desbloqueada, que repete-se oito vezes em uma contagem feita a partir do áudio e da própria letra, que quando expressadas por homens não há problemas, mas se colocados na ótica feminina, imediatamente ela ganha rótulos depreciativos, e perde seu “valor social” de mulher recata e dona de casa, sendo explícito no título da composição o complemento ao nome de Maria, “da pá virada”, por desempenhar ações ditas masculinas.

A última canção desse grupo é a mulher do Aníbal, que em síntese, é um relato de uma discussão entre uma mulher e um homem em uma festa no brejo, onde a mulher saiu vitoriosa, dando uma surra no Zé do Angá, homem que lhe faltou com o respeito.

Ôi que briga é aquela que tem acolá?
 É a mulher do Anibal com Zé do Angá (2x)
 Numa brincadeira lá no brejo do véio
 A mulher do Anibal foi pra lá dançar
 Você não sabe o que aconteceu
 O Zé, inxirido, quis lhe conquistar
 Que briga é aquela que tem acolá?
 É a mulher do Anibal com Zé do Angá (2x)
 De madrugada terminada a festa
 Era gente à beça a se retirar
 No meio da estrada o pau tava comendo
 Era a mulher do Aníbal com Zé do Angá
 Que briga é aquela que tem acolá?
 É a mulher do Anibal com Zé do Angá (2x)
 Perguntei: "Por que brigam vocês dois agora?"
 Diz ela: "este cabra quis me conquistar
 Então fui obrigada a quebrar-lhe a cara
 Pra mulher de homem, saber respeitar"
 Que briga é aquela que tem acolá?
 É a mulher do Anibal com Zé do Angá (2x)
 O dotô Xumara, subdelegado
 Veio vexado ver o ocorrido
 Quando chegou no local da luta
 O Zé do Angá havia morrido
 Que briga é aquela que tem acolá?
 É a mulher do Aníbal com Zé do Angá (JACKSON DO
 PANDEIRO, A MULHER DO ANÍBAL)

Portanto, vê-se uma mulher de coragem, que sabe se defender das afrontas masculinas, e que não mediu esforços para ser respeitada, enfrentando um homem, que biologicamente é mais forte, e vencendo a briga. Identificamos também a fidelidade dela para com o seu marido, Aníbal, pois a confusão começou porque o Zé do Angá tentou conquistá-la, e segundo ela "Então fui obrigada a quebrar-lhe a cara/ Pra mulher de homem, saber respeitar" (Jackson do Pandeiro, A mulher do Aníbal). A parte destacada na contagem faz menção a falta de identidade própria da mulher, pois ela não tem nome, apresenta-se como a mulher do Aníbal, em uma situação de posse e de negação da sua existência sem a figura masculina.

No grupo Mulher Sublimada, temos uma composição intitulada, Verdadeiro amor,

QUADRO 6

Grupo: Mulher Sublimada

MÚSICAS	PERSONAGEM PRINCIPAL	REGRAS DE CONTAGEM
Verdadeiro Amor	Mãe	Mãe/12

Fonte: Pesquisa exploratória

Verdadeiro amor
 Que se tem na vida
 Só existe um
 É o da nossa mãe querida
 Mãe é o grande tesouro
 Cheio de sublimação
 O segundo nazareno
 Na história do perdão
 Verdadeiro amor
 Que se tem na vida
 Só existe um
 É o da nossa mãe querida
 (2x)
 Se o seu filho for na vida
 Um homem de projeção
 Sua mãe sente o orgulho
 Deste grande cidadão
 E se for um transviado
 Que não tem reputação
 Sua mãe lhe abraça e beija
 Com o mesmo coração
 Verdadeiro amor
 Que se tem na vida
 Só existe um
 É o da nossa mãe querida
 (2x) (JACKSON DO PANDEIRO, VERDADEIRO AMOR)

Na primeira estrofe Jackson revela a exclusividade feminina no ato de amar e de ser amada. Este reconhecimento faz parte de uma cultura em que a imagem da mulher está ligada ao ato da maternidade e muitos atribuem tal capacidade apenas quando se tem filhas e filhos.

A intenção de sublimar a mãe como se esta fosse a única capaz de perdoar, é encontrada nas estrofes posteriores, em uma contagem de doze vezes, e para dar solidez à essa afirmação, Jackson chama para a letra da música a figura de Jesus Cristo, dizendo ser a mãe o “segundo Nazareno”, em

uma situação hipotética claro. Logo, vemos uma representação social que dá a mãe um lugar privilegiado dentro da cultura religiosa. Depois de Jesus Cristo vem a Mãe. Reproduzindo uma indivisível responsabilidade para a mulher, fato que criticamos, pois essa responsabilidade deve ser repartida.

O grupo Mulher e Pobreza, é composto de duas canções, nas quais são visíveis a ênfase na divisão de classes sociais, retratando o cotidiano das personagens presentes nas composições a seguir.

QUADRO 7

Grupo: Mulher e Pobreza

MÚSICAS	EXPRESSÕES NORTEADORAS	REGRAS DE CONTAGEM
Babá de cachorro	Escurinha	Escurinha/8
Mãe solteira	Ai, ai, ai como sofre a mãe solteira	Ai, ai, ai como sofre a mãe solteira/6

Fonte: Pesquisa exploratória

Na canção Babá de cachorro, é explícita a discrepância entre, a situação financeira da empregada e a da patroa, sendo que a segunda é tão rica que até seu cachorro tem babá, porém mesmo sendo babá, ela tem certa liberdade, mas casando terá que deixar o emprego.

Eu tô namorando uma escurinha em Copacabana
 Ela é babá, ela é babá de gente bacana
 À tardinha ela sai pela avenida a passear
 Ela é babá, do cachorro da madame, ela é babá
 (2x)

Minha escurinha, minha babá
 Deixa o cachorro da madame e vamos se casar
 (2x) JACKSON DO PANDEIRO, BABÁ DE CACHORRO)

A palavra evidenciada na contagem foi escurinha, que refere-se a cor da pele da babá, que nem nome tem, tal adjetivo repetiu-se oito vezes, expressando a intenção de apresentar uma mulher negra em atividade subalterna, e com uma relação amorosa, provavelmente com um homem, sendo que o mesmo impõe

uma condição à babá, expressa no último verso da música, para casar com ele, ela deve deixar o trabalho e dedicar-se exclusivamente aos cuidados da casa e do marido, de maneira passiva e subordinada.

Já na música Mãe solteira, percebe-se que a personagem enfatizada é uma mulher sem recursos financeiros suficientes para sustentar-se e também ao seu filho. É notável que trata-se de uma mãe solteira pobre, pois se fosse ao contrário não haveria tantas privações. Tendo que se vender para sustentar-se, e bebe com o intuito de esquecer os problemas.

É doloroso, seu moço, a vida da mãe solteira
Batalha a semana inteira, vive oferecendo amor
Do forró pra gafeira

Ai, ai, ai, como sofre a mãe solteira
Dia e noite se entregando à bebedeira
(Coro repete)

Se tem um filhinho, não pode educar
E nem registrar com o nome do pai
Pois a mãe solteira, coitada sofrida
Pro bem do seu filho de tudo é capaz

Ai, ai, ai, como sofre a mãe solteira
Dia e noite se entregando à bebedeira
(Coro repete)

Mas quem a condena com mágoa sem pena
Deve recordar Maria Madalena
Que eu até vendo aonde estiver
Pois a mãe solteira também é mulher (JACKSON DO
PANDEIRO, MÃE SOLTEIRA)

Nota-se um desejo de apresentar uma mulher que foi abandonada por seu companheiro, restando-lhe a opção de prostituir-se, que na música ganha a conotação “oferecendo amor”, para poder sustentar seu filho e a si mesma, dessa forma, expressões de piedade podem ser identificadas na repetição do verso “Ai, ai, ai como sofre a mãe solteira”. Porém, também há uma defesa por parte do compositor, que encontra-se no último verso, “Pois mãe solteira também é mulher”, tornando-se uma vítima das ações masculinas, e como mulher, devem ser respeitadas e apoiadas, recebendo incentivos diversos.

No grupo Mulheres autônomas, encontramos duas canções, que expressão a luta pela liberdade feminina.

QUADRO 8

Grupo: Mulheres autônomas

MÚSICAS	DECISÕES	REGRAS DE CONTAGEM
Maria do Angá	Ela não quer casar	Ela não quer casar/12
Liberdade demais	É demais	É demais/24

Fonte: Pesquisa exploratória.

As composições citadas acima expressam nitidamente o desejo de liberdade por parte das personagens, como por exemplo, em Maria do angá, que fala de uma moça que tem vários pretendentes, mas não quer casar com nenhum deles, deixando todos esperando ansiosamente a sua decisão:

Tanto que eu gosto de Maria
Filha do Zé do Angá
E ela não quer casar

A Maria diz que tá muito cedo
E prefere gozar a mocidade
Porque sua maior felicidade
É viver namorando em segredo
Tem rapaz que já vive comentando
Que a Maria é o tipo do xodó
Como eu todos ficam lhe esperando
E ela vai acabar no caritó

A Maria me lembra Rosabela
Moça que namorava todo mundo
E depois teve um desgosto profundo
Até mesmo quem não gostava dela
Teve pena porque a sua vida
Para o povo não tinha mais valor
Rosabela hoje não é mais querida
Já não é mais aquela linda flor (JACKSON DO PANDEIRO,
MARIA DO ANGÁ)

Percebe-se então, que Maria não deseja perder a sua autonomia, e essa perda aconteceria com a instituição do casamento, e assim a expressão “Ela não quer casar aparece doze vezes, ressaltando a sua intenção de não se deixar

domar pelas amarras sociais, e por isso é comparada a Rosabela, moça que também não queria casar e por isso perdeu seu valor diante da sociedade. Fica explícito então, que a mulher só é feliz, e valorizada se aceitar as regras sociais e viver segundo os padrões estabelecidos culturalmente.

Já a composição Liberdade demais, difere um pouco da anterior, pois a personagem é casada, com um marido ciumento e muito desconfiado. Nesse caso o casamento tornou-se uma prisão para a mulher.

É de mais, é de mais, é de mais
 Esta mulher quer me passar pra trás
 Se vai pra rua só volta se for atrás
 É de mais, é de mais, é de mais

Se ela vai sem me dizer
 Alguma coisa tá pra acontecer
 O meu ciúme não é um ciúme qualquer
 Liberdade demais prejudica a mulher (JACKSON DO
 PANDEIRO, LIBERDADE DEMAIS)

Tal composição vem confirmar a anterior, pois Maria do Angá não queria casar para não perder a liberdade, fato confirmado na canção Liberdade demais, na qual a mulher é alvo de um ciúme excessivo, não podendo sair sem avisar, pois para o marido “Alguma coisa tá pra acontecer”, e a partícula É demais repete-se vinte e quatro vezes nesta canção, enfatizando a revolta masculina em relação a suposta liberdade da mulher, e a sua vontade de passa-lo pra trás, ou seja traí-lo.

Neste grupo, Relação homem/mulher, traz uma música que descreve as diferenças físicas existente entre homens e mulheres.

QUADRO 9

Grupo: Relação homem/mulher

MÚSICA	DIFERENÇA	REGRAS DE CONTAGEM
Tem pouca diferença	Que diferença da mulher o homem tem?	Que diferença da mulher o homem tem? /4

Fonte: Pesquisa exploratória

Na letra dessa música, são evocadas algumas características físicas entre ambos os sexos, chegando à conclusão que, realmente tem pouquinha diferença...(biológica),

Que diferença da mulher o homem tem?
 Espere aí que eu vou dizer, meu bem
 É que o homem tem cabelo no peito
 Tem um queixo cabeludo e a mulher não tem (2x)
 No paraíso, dia de manhã
 Adão comeu maçã e Eva também comeu
 Então ficou Adão sem nada e Eva sem nada
 Se Adão deu mancada Eva também deu
 Mulher tem duas perna, tem dois braço
 Duas coxa, um nariz e uma boca
 E tem muita inteligencia
 O bicho homem
 Também tem do mesmo jeito
 Se for reparar direito
 Tem pouquinha diferença (JACKSON DO PANDEIRO, TEM
 POUCA DIFERENÇA)

Assim, a indagação referente a diferença do homem e da mulher aparece quatro vezes no decorrer da canção, e a cada pergunta tem-se novos quesitos para serem apontados.

Após analisarmos cada composição no seu respectivo grupo, passemos agora para uma breve demonstração na qual enfatizamos a ação individual feminina, destacando situações nas quais pode-se perceber características biológicas e/ou sociais. Para tanto mostraremos no quadro a seguir as canções que exemplificam tais aspectos.

QUADRO 10

Características biológicas e sociais.

MÚSICAS	ASPECTOS BIOLÓGICOS	ASPECTOS SOCIAIS
A mulher que virou homem	Voz grossa	Fale comigo de homem pra homem
Rosa	Morena faceira	x
Xexéu de bananeira	Menina bonita, formosa	x

Tem pouca diferença	Cabelo no peito/queixo cabeludo	x
Vou buscar Maria	x	Minha mulher/as muié da praia
Sebastiana	Guariba	Segurei Sebastiana pelo braço
Ai, Tertulina	x	Com três bruguelo se lastimando da sorte
Morena bela	Bela morena	x
Marieta	Minha preta	Já me falou pra eu trocar de companhia/ Perguntou quanto eu queria de volta com Marieta
Madalena	x	No trabalho não engrena, Madalena até dá pena
Maria da pá-virada	x	Entrou no botequim/tomar biriba
A mulher do Aníbal	x	Fui obrigada a quebrar-lhe a cara
Verdadeiro Amor	x	Mãe o grande tesouro/cheio de sublimação
Babá de cachorro	Escurinha	Babá do cachorro da madame
Mãe solteira	x	Se entregando a bebedeira
Maria do Angá	x	Ela não quer casar/prefere gozar a mocidade

Fonte: Pesquisa exploratória

Percebemos então, que há aspectos sociais relevantes representados por gestos, falas, opiniões, profissões, afetos, além da questão geracional e regional, que exprimem as construções sociais que permeiam nossos cotidianos e moldam os sujeitos, na tentativa de padroniza-los segundo a ótica dominante, porém, nas canções ora apresentadas identificamos personagens que diferem desse padrão e por isso são rotuladas e excluídas, outras não, permanecem firmes em suas decisões e lutam pelos seus direitos.

FINALIZANDO...

Diante dos dados apresentados neste trabalho, é possível ter uma noção acerca do percurso feito pelas mulheres ao longo da história em busca de autonomia, assim como dos seus direitos enquanto cidadãs livres. Verificamos também diferentes cotidianos femininos, através do cancionário jacksoniano, dividido em nove quadros/eixos temáticos. A partir da análise das letras, identificamos papéis sociais padronizados socialmente e que foram rompidos, mas também há letras de músicas nas quais percebe-se a manutenção do ideal de mulher pura, santa e dedicada ao lar e ao cuidado para com o homem, seja o marido ou o filho.

Atentamos, sobretudo, ao cumprimento da proposta principal que enfatiza a identificação das diversas e distintas representações sociais implícitas/explicítas nas letras das músicas destacadas no decorrer do trabalho. Portanto, acreditamos ter cumprido com as metas estipuladas à pesquisa, e que estes resultados contribuam benéficamente para análises posteriores acerca das identidades de gênero e dos papéis sociais atribuídos às mulheres.

Jackson do Pandeiro, cantor e compositor, teve como fonte de inspiração a beleza feminina, e portanto, expressa em suas composições e interpretações o seu gosto pela tema Mulher, e com o seu talento, deixou seu legado, para que as futuras gerações contemplassem suas obras, e vale ressaltar que esse talento foi lapidado por sua mãe e mestra, Flora Mourão, mulher guerreira, que foi homenageada pelo filho em duas canções, Verdadeiro Amor e Xexéu de bananeira.

Conclui-se então, que o cancionário jacksoniano apresenta questões femininas evidenciadas nos diferentes espaços sociais, no brejo, no arraial, na capital, discutindo questões geracionais, mercado de trabalho, casamento, etnia, regionalização, classe social, que estão imiscuídos numa sociedade repleta de paradigmas eurocêntricos que determinam o modo de ser dos sujeitos sociais aí inseridos, e essas músicas vêm como veículo promotor de novas discussões da questão de gênero e etnia.

REFERÊNCIAS:

• LIVROS E ARTIGOS

ALEXANDRE, Marcos. Representação Social: uma genealogia do conceito. Rio de Janeiro: **Comum**, v.10 - nº 23 - p. 122 a 138 - julho / dezembro, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

ANÍSIO, Ricardo. **MPB de A a Z**: crônicas, críticas e entrevistas. 2 ed. Campina Grande: Latus, 2011.

AYALA, Maria Inez Novais. Os cocos: uma manifestação cultural em três momentos do século XX. In:**Estudos Avançados**, v.13, n.35, 1999, p.231-253.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet 4 ed., v. 1. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf> >. Acesso em: 02 de fev. de 2014.

BETTO, Frei. A marca do batom: Como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no mundo. **Alai**, 2001. Disponível em: <<http://alainet.org/active/1375&lang=es>>, Acesso em: 31 de mai. de 2013.

BIOGRAFIA DE GORDURINHA. Disponível em: <<http://www.letras.com.br/#!/biografia/gordurinha>>, Acesso em: 31 de mai. de 2013.

CANTOR E COMPOSITOR PERNAMBUCANO LUIZ GONZAGA. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/luiz-gonzaga.jhtm>, Acesso em: 31 de mai. de 2013.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997. Disponível em:

<http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n19_20_p165.pdf>. Acesso em: 02 de fev. de 2014.

HALL, Stuart. **A identidade em questão**. In:_____. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

JOÃO W. NERY É O PRIMEIRO TRANSHOMEM OPERADO NO BRASIL. Disponível em: <<http://tv.globo.com/programas/programa-do-jo/programa/platb/2012/04/30/joao-w-nerly-e-o-primeiro-transhomem-operado-no-brasil/>> Acesso em:17 de fev. de 2013.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

MOURA, Fernando; VICENTE, Antonio. **Jackson do Pandeiro: o rei do ritmo** - São Paulo: Editora 34, 2001.

PERROT, Michelle. Tradução de Roberto Leal Ferreira. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher?** In: ALGRANTI, Leila Mezan. (org.) A prática feminista e o conceito de gênero, n.48, Campinas/IFCH/UNICAMP, 2002, p.7 – 42 Textos didáticos.

SCOTT, Joan. **Gender: A useful category of historical analyses**. New York, Columbia University Press, 1989. Tradução de Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. Disponível em: <[disciplinas.Stoa.usp.br/peuginfile.php/.../Gênero-Joan % 20 Scott.pdf](http://disciplinas.Stoa.usp.br/peuginfile.php/.../Gênero-Joan_%20Scott.pdf).> Acesso em: 03 de out. de 2012.

- **LETRAS DE MÚSICAS**

JACKSON DO PANDEIRO. Vou buscar Maria. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 23 de set. de 2012.

_____. Ai, Tertulina. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 23 de set. de 2012.

_____. Sebastiana. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 23 de set. de 2012.

_____. Mãe Maria. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 23 de set. de 2012.

_____. A mulher que virou homem. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 25 de set. de 2012.

_____. Boa Noite. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/>>, Acesso em: 25 de set. de 2012.

_____. Catirina. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 25 de set. de 2012.

_____. A tuba da muié. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 25 de set. de 2012.

_____. Balanço de Maria. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 25 de set. de 2012.

_____. Morena Bela. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 26 de set. de 2012.

_____. Madalena. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 26 de setembro de 2012.

_____. Rosalina. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 26 de set. de 2012.

_____. Quadro Negro. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 26 de set. de 2012.

_____. Xexéu de Bananeira. Disponível em: <<http://www.ouvirmusica.com.br/>>, Acesso em: 26 de set. de 2012.

_____. Rosa. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 26 de set. de 2012.

_____. Marieta. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 26 de set. de 2012.

_____. Mulher Malvada. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 26 de set. de 2012.

_____. A mulher do Aníbal. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em 27 de set. de 2012.

_____. Maria da pá-virada. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 27 de set. de 2012.

_____. Verdadeiro Amor. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 27 de set. de 2012.

_____. Babá de cachorro. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 27 de set. de 2012.

_____. Mãe Solteira. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 27 de set. de 2012.

_____. Liberdade Demais. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 27 de set. de 2012.

_____. Maria do Angá. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 27 de set. de 2012.

_____. Tem pouca diferença. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jackson-do-pandeiro>>, Acesso em: 27 de set. de 2012.